

Magali Vitral Rezende



**RENOVAÇÃO DO ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE E
SUA EMPREGABILIDADE NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE JUIZ
DE FORA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Magali Vitral Rezende

**RENOVAÇÃO DO ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE E
SUA EMPREGABILIDADE NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE JUIZ
DE FORA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Rezende, Magali Vitral, 1963

Renovação do Ensino da Arte na Contemporaneidade e sua
Empregabilidade na Rede Pública Municipal de Juiz de Fora
Especialização em Ensino de Artes Visuais Magali Vitral Rezende. –
2013.

28 f.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Melissa Etelvina Oliveira.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.
Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Renovação do Ensino da Arte na Contemporaneidade e sua Empregabilidade na Rede Pública Municipal de Juiz de Fora*, de autoria de *Magali Vitral Rezende*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Melissa Etelvina Oliveira Rocha - Orientador

Juliana Mafra - Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-90

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida de educadora e pela esperança de ter encontrado na educação a minha fortaleza de mulher.

A minha avó materna Antônia, por ter me ensinado aos 7 anos de idade os primeiros pontos de bordado.

Aos meus pais, Moisés e Maria, os primeiros educadores que com paciência e carinho me ensinaram a arte da vida e a vida da arte.

Ao meu filho, lago pelo tempo ausente durante o percurso da monografia.

Ao meu namorado, Agenor por me amparar e auxiliar nos momentos de cansaço e de ausência.

Aos arte-educadores – Paulo Freire, Ana Mae Barbosa, Rose Valverde e os demais pela oportunidade de estudos que serviram de base para a monografia.

Aos colegas do curso de Artes Visuais, com quem convivi durante dois anos e juntos compartilhamos momentos de amizade, aprendizagem e em especial, Eliane Rocha – Biju – pela troca de experiências e apoio nos momentos de angústia e de avanços na realização dessa pesquisa.

As tutoras, Marcella, Carol e Ariane pela paciência e dedicação durante o período que estivemos juntas.

A orientadora Melissa pela presteza e atenção nos momentos difíceis de meu trajeto enquanto pesquisadora.

A Rose Valverde, pela permissão e contribuição dessa pesquisa.

Aos professores pelo carinho e apoio dedicado durante o curso

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, direta ou indireta ajudaram e contribuíram para mais uma formação continuada.

"O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção". Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o ensino de arte na década de 1980 e 1990 e sua trajetória até a contemporaneidade. Pretende abordar sobre a importância da Proposta Curricular da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora e analisar a organização curricular em estreita relação com os saberes educacionais, artísticos e culturais, e quais foram os caminhos percorridos pela rede municipal para construir a sua própria proposta curricular, no período de 2010 a 2012. Após a publicação do documento o objetivo é que as escolas tenham autonomia própria para refletir e decidir suas competências, conteúdos e procedimentos pedagógicos, juntos a direção, coordenação pedagógica, professores e alunos. Também aponta a formação continuada e permanente de professores dentro da rede municipal através de grupos de estudos, encontros, seminários, palestras, conferências, oferecidas pelo centro de Formação de Professores e Secretaria de Educação. Tecerei comentários de meu ingresso na educação a partir da década de 1980 e os caminhos percorridos enquanto professora de artes e artesanato. Para finalizar abarcar que o ensino de arte é de grande importância para o desenvolvimento e a prática escolar.

Palavras-chave: Proposta Curricular. Formação Continuada. Análise de Currículo.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the art of teaching in the 1980s and 1990s and its history until nowadays. Aims to address the importance of the Curriculum Proposal of Municipal Public schools of Juiz de Fora and analyzing the curriculum organization in close cooperation with educational knowledge, arts and culture, and what were the paths taken by the municipal network to build their own curricular proposal the period of 2010 to 2012. Following publication of the document, the goal is that schools have autonomy to reflect and decide their skills, educational content and procedures, together direction, coordinating education, teachers and students. Also notes the continuing and permanent training of teachers in the municipal system through study groups, meetings, seminars, lectures, conferences, offered by the Teacher Training Center and Department of Education. I will make comments of my start in education from the 1980s and the paths taken as a teacher of arts and crafts. Finally, embrace the teaching of art is of great importance for the development and school practice.

Keywords: Curriculum Proposal, Continuing Education, Curriculum Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenhos de observação a partir de formas geométricas básicas.

Figura 2 - Proposta de Base de Ensino PCN Produção Fruição Reflexão.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 Vivenciando o ensino de Educação Artística na década de 1980.....	12
1.1 Década de 1990, significa renovação cultural.....	16
2 Arte através do ensino de arte na Contemporaneidade.....	17
2.1 Proposta Triangular frente à Renovação.....	19
3 Bacharelado e Licenciatura: Formação inicial do professor de Arte.....	20
3.1 Formação Continuada do Professor de Artes na Rede Pública Municipal de Juiz de Fora.....	22
Considerações finais.....	26
Referências.....	27

Introdução

A presente monografia objetiva tratar da atual situação do Ensino de Artes nas Escolas Públicas Municipais de Juiz de Fora e sua Formação Continuada, com base na Proposta Curricular da rede e sua renovação através de estudos de arte-educadores, profissionais da educação e pela Secretaria de Educação.

A opção por esse trabalho justifica-se também pela minha trajetória profissional de professora de Arte na rede pública estadual, municipal e privada, e pela busca por uma evolução tecnológica, educacional e artística.

Acredito que, na medida em que cada educador investe e cuida de sua qualificação profissional e permanente, se constrói um desenvolvimento educacional pedagógico qualificado que reverbera nos processos de aprendizagem nas salas de aula.

A metodologia escolhida foi uma pesquisa investigativa especializada em teorias e práticas educativas de ações na Rede Pública Municipal de Juiz de Fora e a Renovação do Ensino da Arte será o método utilizado para sistematizar a coleta de dados.

O primeiro capítulo traz considerações referentes ao ensino de arte na década de 1980 e 1990, o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 5.692) e posteriormente a Lei nº 9394/96 com mudanças cultural, histórica, social, econômica e política.

O segundo capítulo retrata a renovação do ensino de arte na contemporaneidade, deixando a arte tecnicista no passado e inserindo no presente um programa de reforma educacional valorizando a arte nos moldes da Proposta Triangular de Barbosa: da produção, fruição e reflexão.

Já o terceiro capítulo apresenta um breve histórico da Formação Continuada dos Professores de Artes oferecidos pelo Centro de Formação de Professores e pela Secretaria de Educação do município de Juiz de Fora.

Capítulo I

Vivenciando o ensino de Educação Artística na década de 1980

Considero necessário trazer aqui algumas lembranças significativas de meu ingresso no ensino de arte na década de 1980, perpassando pela década de 1990 e assim sucessivamente.

Um ponto importante a ressaltar que em 1971, pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a arte é incluída no currículo escolar como título de Educação Artística e é considerada “atividade educativa” e não disciplina. (1997, p. 28) A lei estabelecia diversos conteúdos incorporando variantes como: Artes Plásticas, Desenho, Educação Musical, Artes Industriais e Artes Cênicas. (1997, p.29) Todavia, houve certa dificuldade na sua prática, pois, muitos professores não estavam habilitados para essa jornada, devido a falta de formação especializada nessas modalidades. Em 1973, foram regulamentados os novos cursos de Licenciatura em Artes, possibilitando a formação com habilitação em Licenciatura curta e plena, configurando a formação de professores polivalentes em arte. É nesse contexto que surgem os PCNs Propostas Curriculares Nacionais, como uma forma de orientar a ação pedagógica de cada uma das áreas de Artes, nas salas de aula.

Formei na década de 1980, numa faculdade particular – CES (Centro de Ensino Superior), em Juiz de Fora no Curso de Licenciatura com Curta duração o curso era apenas de dois anos; e este não estava devidamente preparado para a formação sólida do professor, oferecendo cursos eminentemente técnicos, sem bases conceituais.

Pode-se observar que a partir dos anos 1980, constitui-se o movimento Arte-Educação com a finalidade de valorizar e aprimorar o conhecimento dos professores e para rever e propor nova ação educativa em Arte (1997, p.30).

No ano de 1982, iniciei a carreira de professora de Educação Artística, na Rede Municipal de Juiz de Fora, é importante ressaltar que na época estava completamente envolvida com a profissão e gostava de estar com os alunos, de falar sobre arte e juntos, praticar e produzir atividades artísticas.

Atuando como professora de Educação Artística no ensino fundamental da Rede Municipal de Juiz de Fora pude observar as dificuldades que a disciplina

enfrentava nas escolas, inclusive certa desvalorização em relação as demais disciplinas e áreas. A arte já estava presente no currículo escolar porque é uma área de conhecimento e como área de conhecimento pensava que a escola deveria valorizar como as demais áreas respeitando suas peculiaridades e diferenças. Acredito que arte na escola, é a oportunidade que o aluno tem para explorar, construir e aumentar novos conhecimentos pertinentes à realidade educativa que o cerca.

Ainda guardo na memória que o conteúdo curricular se baseava na aplicabilidade do desenho geométrico, o *laissez-faire*, nas faixas decorativas, nas atividades relacionadas a produção de cartazes para as datas comemorativas e murais para festas escolares, nas folhas mimeografadas para colorir, utilização de repetição e cópias e até mesmo no famoso “desenho livre”, não se desenvolvia o espírito crítico do aluno.

Verifica-se que uns anos atrás, Pietrina Checacci, escultora italiana radicada no Brasil, em um seminário ministrado em Juiz de Fora, falou sobre a importância do desenho e como muitos artistas abandonaram o estudo sistemático para se dedicar às propostas contemporâneas de desconstrução da forma. Citou-se ainda, o fato de que muitos artistas estavam abrindo mão de conteúdos que fazem parte de um desenvolvimento de séculos de aprendizado artístico e lembrou-nos como Picasso e outros pintores, que apesar de desenvolverem uma proposta moderna, passaram pelo desenho e a construção acadêmica para embasarem as suas obras posteriores.

Rose Valverde, começou a dar aulas de desenho ainda em meados da década de 1980 e 1990, na época Educação Artística, ensinava-se a usar a régua e o esquadro, assim como formas geométricas e técnicas de desenhos variados, sendo uma forma de introdução ao estudo da perspectiva, o desenho de objetos, prédios e formas diversas.

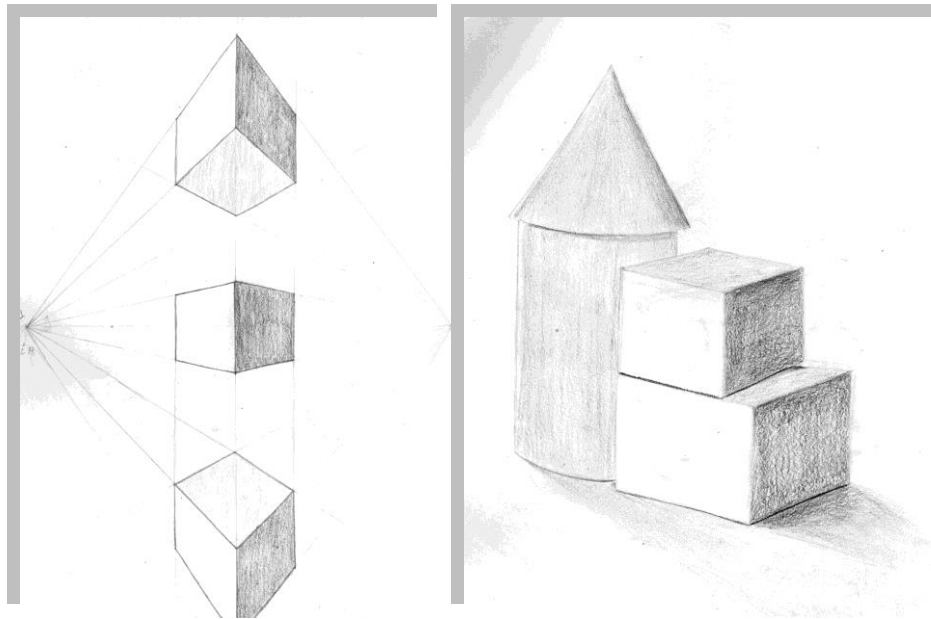


Figura 1 Desenhos de observação a partir de formas geométricas básicas(2002) – CEM - Centro de Educação de Jovens e Adultos) trabalhos do aluno Nilton Tranquilino dos Santos.

Para Rose Valverde (2002)¹

A proposta das aulas de desenho artístico é proporcionar ao alunos desenvolver as habilidades de desenho assim como estimular um novo olhar para o mundo a sua volta, perceber proporções, desenvolver noções de equilíbrio, ritmo, harmonia, entender os fundamentos do desenho, da forma e da perspectiva.

E acrescenta (2009)²:

O conteúdo de desenho hoje ensinado nas escolas não fornece o conhecimento necessário para o embasamento técnico que possibilite ao educando mergulhar na criação com segurança e originalidade, permitindo um resultado mais consciente e maduro.

Cabe ressaltar outro aspecto inerente era a falta de espaço físico adequado. Com uma sala-ambiente inapropriada para o desenvolvimento das atividades artísticas, que até hoje, esse espaço continua quase que inexistente e inadequado para as mesmas atividades, acrescento uma grade curricular semanal de apenas 50 minutos por turma, o que não favorecia um bom desenvolvimento da disciplina. Muitas dessas realidades levavam à questão:

Qual é, afinal de contas, a verdadeira função da disciplina de Educação Artística para a educação/escola e para a aprendizagem? Qual o motivo da desvalorização

¹ VALVERDE, Rose. *Fábrica de desenhos*. Juiz de Fora, 2002. Disponível em: <<http://www.rosevalverde.art.br/html/artespla.htm>>. Acesso em: 15 de set. 2015.

² VALVERDE, Rose. *Fábrica de desenhos*. Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <<http://www.rosevalverde.art.br/conteudoart1/textoart/arteduc10.html>>. Acesso em: 15 de set. 2015.

da disciplina por parte da escola e das demais disciplinas? O porquê da disciplina ter uma grade curricular tão pequena e desprovida de horários adequados e satisfatórios, como exemplo, última aula, em uma sexta feira?

Menciono, um outro ponto importante, a falta de uma Proposta Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora, em meados de 1980, que nos deixava sem um melhor direcionamento do trabalho a ser executado e acabava por comprometer a aprendizagem do aluno, assim, o ensino de arte seguia a forma “deixa a vida me levar”, ou seja, apenas com os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura curta. Com base nos estudos de Pimentel, “o currículo é a referência social para a criação e a construção de novos conhecimentos”.³

A falta de programação curricular fazia com que o aluno passasse de uma escola para outra, sem uma sistematização contínua dos conteúdos. Destaco um outro ponto importante, também na década de 1980, as aulas de Educação Artística eram confundidas com aulas de lazer, terapia, descanso, “bagunça”, ou até mesmo um verdadeiro “tampa buraco”. Na época, um dos objetivos do ensino de arte era apenas o desenvolvimento da criatividade, não se importando com a historicidade, a estética, a leitura de imagem e tão pouco a contextualização. Assim, por um bom período o ensino de arte continuava a seguir tendência tecnicista. O plano de aula também era de uma concepção mecanicista, o que menos importava era o conhecimento da arte através da arte. Nós professores não conseguíamos formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para fundamentar a ação pedagógica, teórica e prática. Me recordo até hoje, qual foi a primeira coleção de Educação Artística que a editora Scipione distribuiu para as escolas e esta repassou para os professores de arte, chamava-se: *Educação Artística. Reviver nossa arte. Expressão Plástica e Arte Brasileira*, datada, no ano de 1993 e nessa coleção “constava” a matéria a ser trabalhada, como glossário de geometria, glossário de arte, calendário cívico e calendário folclórico em quatro volumes que tinham como autores Thelma Vasconcelos e Leonardo Nogueira. Na época, foi de grande valia, era o material didático que tínhamos em mão para pesquisa. E assim, chegamos ao final dessa década.

Após análise da minha trajetória, enquanto professora de artes na década de 1980, fui repensando e reconstruindo uma nova prática, rompendo com paradigmas

³ Formação de professor de Arte: novos caminhos, muitas possibilidades, imensa responsabilidade.

tecnicistas e com um olhar diferenciado, em busca de uma aprendizagem significativa crítica e estética, constatei que o professor precisa transformar, inovar e participar ativamente do processo de aprendizagem.

1.1. Década de 1990, significa renovação cultural

O ensino de arte na década de 1990 sofreu influência dos aspectos históricos, econômicos e políticos que refletiram nas mudanças do sistema educacional brasileiro. Previa novas metodologias para o ensino e a aprendizagem de arte nas escolas.

Em 1988, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com a importância de acesso escolar dos alunos de ensino básico a área de Arte. A obrigatoriedade do ensino de artes enquanto disciplina do currículo escolar é conquistada a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96 de 20 de Dezembro de 1996 revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Art. 26 § 2º).

Segundo os Parâmetros curriculares Nacionais (PCN) de Arte, são características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados a cultura artística, e não apenas como atividade.

Nas aulas de arte devem ser trabalhados o mundo do educando, propiciando-lhes contato com as obras de arte, desenvolvendo atividades onde o mesmo possa experimentar novas situações, podendo compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético e que compete ao professor um contínuo trabalho de verificação e acompanhamento em seus processos de arte e de educação escolar dos aprendizes em Arte, ao longo do curso, e que a avaliação deve estar centrada em todo o processo de ensino e aprendizagem. (FUSARI e FERRAZ, 1993, p.82).

Verifica-se que após a Lei citada acima, a arte passou a ser reconhecida como parte obrigatória no currículo da Educação Básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Ressalto aqui o encaminhamento pedagógico

artístico que tem por premissa básica a integração do fazer, apreciar e contextualizar a obra de arte, na sua historicidade.

É interessante ressaltar que nós professores, na época, tínhamos restrições às transformações educacionais, o novo nos amedrontava, mas estávamos convictos que tal mudança estava acontecendo, então a solução seria buscar alternativas, acoplando a educação tecnicista e a educação modernista. Ressalto ainda que, incluindo os avanços tecnológicos.

Ana Mae Barbosa (1978, p.13) defende que “os novos métodos de ensino de Arte não são resultantes simplesmente da junção da Arte e a Educação, muito menos da oposição entre elas, mas da sua interpenetração” E continuo, muitos professores continuavam apáticos às mudanças. Como dizia Paulo Freire, a mudança do professor era possibilitar a criação ou a produção de conhecimentos e não a função de autoritarismo.

Portanto, cabe a nós professores sermos agentes inteligentes para tornar a Arte componente favorável no crescimento individual e comportamental dos alunos, e não sermos apenas agentes transmissores de conteúdos, conhecimentos e ações, mas, conhecedores dos conteúdos que transmitimos e volto a ressaltar, envolver os nossos alunos no universo sócio histórico e cultural, incitando o pensamento crítico, a capacidade criadora e conscientizar os alunos de que tudo está em permanente transformação e interação e do seu papel de transformador e construtor de conhecimentos da sociedade. Ana Mae Barbosa (2008, p. 82) diz que “a arte não pode se tornar algo sem vida, mecânico, como tem ocorrido com o que ensinamos em todos os níveis de educação”.

Encerro, acreditando na renovação do ensino de arte pela arte, onde o professor é o instrumento principal para as transformações neste processo.

Capítulo II

Arte através do ensino de arte na Contemporaneidade

Com base na renovação do ensino de arte na contemporaneidade, registra-se uma cultura em movimento acelerado conformando novas visões de mundo, novos sentidos e novas interpretações educacionais.

Para nós professores, da época do ensino tecnicista, essa mudança causou um desconforto, não estávamos propriamente inseridos nesse contexto e tão logo passaram a existir fontes de conhecimentos onipresentes e atrativos ao cotidiano dos alunos, ocasionando um descompasso entre o professor, a escola e o mundo que nos circunda. Assim, foi lançado o desafio, cabe a nós professores nos inserirmos nessa mudança e procurar alcançar o êxito profissional perante cada reforma, cada programa e sistema educacional, submetendo as modificações de nossos trabalhos em função das novas concepções apresentadas pelo ensino da educação.

Desta maneira, fui em busca de novos atrativos e encontrei na minha primeira pós-graduação um suporte para tal, cursei no ano de 2006, Psicopedagogia Institucional, pela Universidade Castelo Branco – RJ; adorei minha experiência mas, com o passar dos anos, senti a necessidade uma nova preparação, e no ano de 2014, iniciei outra pós-graduação, agora pela UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais – Especialização em Ensino de Artes Visuais, onde estou atualmente inserida e com base nos novos estudos, encontrei o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem com novas mediações pedagógicas na formação educacional. Assim, posso ampliar a capacidade de me relacionar com o novo e preservar a continuidade de uma educação em ensino de arte sólida e satisfatória, tendo a consciência de que é preciso conviver com a aprendizagem permanente para uma construção de saberes.

Acredito também no processo ensino- aprendizagem na forma diversificada e abrangente, tendo a consciência de que é preciso se atualizar, se capacitar, perpassar e se apropriar dos novos sabores, valores, conceitos culturais, históricos e artísticos. É necessário especificar que os saberes nos servem de suporte, enriquecendo assim nossas práticas e qualificando-nos como profissionais no saber-ensinar.

Lembrando ainda que fazemos parte de uma educação globalizante, onde

“NÃO HÁ DOCÊNCIA SEM DISCÊNCIA” (FREIRE, 2003, p. 21, grifo autor) formação sem formadores e educação sem educadores.

2.1- Proposta Triangular frente à Renovação

O processo de Abordagem Triangular⁴ teve início na década de 1980 e foi sistematizada no período de 1987/1993. Iniciou no Museu de Arte Contemporânea da USP, pela Fundação lochpe de São Paulo, essa metodologia disseminou-se pelas instituições de ensino por todo o país. Essa proposta surge da necessidade da reestruturação do ensino da arte, da promoção de uma maior articulação entre os arte- educadores e da renovação das bases teóricas e metodológicas da educação do ensino de arte no Brasil.

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil e consiste em três abordagens para se construir conhecimentos em arte: leitura da imagem (apreciar), contextualização histórica (contextualizar) e prática artística (fazer). E Barbosa acrescenta a base é a inabordagem triangular sistematizada permeando todas as metodologias para se ensinar arte, principalmente artes visuais. Conforme mostra a Ilustração 1, as setas não seguem uma única direção, elas se comunicam e se interligam.

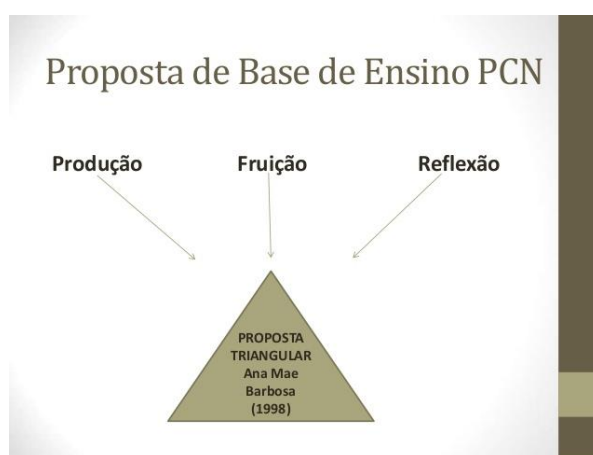


Figura 2 Proposta de Base de Ensino PCN Produção Fruição Reflexão PROPOSTA TRIANGULAR Ana Mae Barbosa (1998).

Para Ana Mae: “Saber ler imagens na contemporaneidade é fundamental, somos bombardeados por estímulos imagéticos o tempo todo, precisamos nos

⁴ A proposta ou Abordagem Triangular também é conhecida como Metodologia Triangular (termo hoje revisado e repudiado pela autora – Ana Mae Babosa).

conscientizar do real valor de saber ler essas imagens” (BARBOSA, 1998, p. 17). Já, na contextualização de uma leitura de obra de arte, não há a obrigatoriedade de se fazer a biografia do artista, mas conhecendo-a facilitará a análise da imagem. A partir do fazer artístico espera-se que o educando ou o artista tenha vivenciado e experimentado todo o processo de ensino aprendizagem durante a leitura e a contextualização, desenvolvendo assim a criação de imagens expressivas.

A Proposta Triangular de Barbosa, levou muitos educadores a reflexão, porém, nem todos estavam preparados para essa nova mudança e prática de ensino pós-moderno e de livre expressão artística. E assim, muitos educadores tiveram uma interpretação errônea da proposta, aplicando-a de forma indevida no contexto de ensino/aprendizagem da arte, propiciando uma educação ineficaz e insatisfatória para os educandos.

Barbosa (2002, p.14) afirma que:

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor de sua própria nação.

E assim encerro esse capítulo me reportando aos estudos da Proposta Triangular de Barbosa e de sua fundamental relevância para o ensino de artes não só no Brasil como também mundialmente.

Capítulo III

Bacharelado e Licenciatura: Formação inicial do professor de Artes

A capacitação inicial dos professores de Artes tem variantes e implexas dimensões. É importante relacionar que é através dos Cursos Superiores de Formação de Professores de Artes que o professor – futuro profissional em educação - se apropria das ferramentas básicas para ensinar Arte, e quando na prática enfrentar às emblemáticas do dia a dia na escola. Penso que estes cursos deveriam se preocupar mais com as especificidades da formação do professor, pois estes são os elos de ligação entre a educação, o professor e aluno.

Em contrapartida, estudantes de bacharelado e licenciatura em Artes,

deveriam valorizar mais as disciplinas pedagógicas, e ter o entendimento que arte-educação esclarecida pode preparar os seres humanos e que estes são capazes de desenvolver a sensibilidade e a criatividade através da compreensão da arte. É de nosso entendimento que para se tornar bons educadores é preciso participar mais ativamente de cursos de capacitação, expondo nossos anseios, necessidades e dificuldades perante a disciplina a ser trabalhada, contribuindo assim, para subsidiar a formulação de novas práticas formativas e educativas.

Fica interessante explicitar também que as mudanças educacionais foram acontecendo gradativamente, podendo ser observadas ao longo dos tempos nas diversas denominações da disciplina: Educação Artística, Arte, Artes Plásticas e atualmente Artes Visuais. Com essas mudanças vieram então, debates e teorias de novas propostas educacionais. Como se vê, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o professor de Artes deve trabalhar com as quatro linguagens artísticas: dança, teatro, música e artes visuais. Mesmo o professor não sendo entendedor de todas as áreas, o mesmo reconhece a importância de serem trabalhadas, mas a falta de uma formação acadêmica apropriada o deixa despreparado, não conseguindo sequer, "[...] formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica", (1997, p. 30) Gera-se assim inadequação de conteúdos na sua prática, visto que, diante da situação os alunos ficam desmotivados e indisciplinados contribuindo para a compreensão de que é necessária a formação continuada, com um maior aprofundamento em todas as linguagens artísticas, como recomendado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 31) e pela Lei 9.394/96 de Diretrizes e Base da Educação Nacional.

Com o transcorrer dos anos, a ação formativa de preparação dos docentes tem se concretizado como um tópico imprescindível para a reflexão. Por um lado, as instituições educacionais junto ao governo municipal, estadual e federal discutem as bases da formação inicial; por outro, as propostas de formação continuada. Em ambos os casos, é preciso acompanhar o desenvolvimento de formação dos professores para o desenvolvimento do ensino aprendizagem da Arte. O objetivo desse estudo de formação é conhecer os caminhos percorridos pela Rede Pública Municipal de Juiz de Fora, a partir do ano de 2010, representada pela Secretária de Educação, para averiguar, verificar, investigar, identificar as propostas curriculares no percurso do ensino de artes dentro da rede.

Percebe-se que os cursos de formação inicial constituem um processo que perdura por um bom tempo, mas nem por isso pode ser esquecido pela categoria. Para que estes cursos sejam aperfeiçoados, se faz necessária a participação ativa de professores direta ou indiretamente, explicitando suas necessidades e dificuldades e assim contribuindo para dar subsídio a formulação de práticas de formação tanto inicial quanto continuada, tendo comprometimento com o crescimento educacional das novas gerações.

3.1 - Formação continuada do professor de Artes na Rede Pública Municipal de Juiz de Fora

Um fato que marcou a história da Política de Formação Continuada da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora, foi a criação do Centro de Formação de Professores, na época, era coordenada por Diva Chaves Sarmiento. Com base em estudos, Fernandes ressalta que, “no ano de 1999 foi criado pela Secretaria de Educação em Juiz de Fora o Centro de Formação do Professor com o objetivo de promover a formação continuada dos docentes” (p. 4). Assim, os professores teriam a possibilidade de se encontrarem e realizarem trocas de experiências, formando grupos de estudos e reintegrando as novas mudanças educacionais.

No momento, os cursos administrados pela Secretaria de Educação e pelo Grupo de Estudos e Cultura funcionam no Centro de Formação Continuada, num complexo do Bernardo Mascarenhas.

Agora, faremos em relato da Proposta Curricular Municipal, que tem como um dos objetivos reconhecer a Arte como área de conhecimento e valorizar a formação continuada de professores de artes.

A **Proposta Curricular da Secretaria de Educação de Juiz de Fora**,⁵ teve início no ano de 2010. Neste mesmo ano, profissionais da educação da rede diretores, coordenadores pedagógicos e professores por área de conhecimentos se reuniram para refletir em uma nova proposta curricular com diretrizes orientadas para o ensino de Arte.

A proposta deste debate entorno do currículo está ancorada “[...] nos códigos das linguagens e suas interlocuções, na diversidade, na interdisciplinaridade, na diferença, nas relações entre cognição e sensibilidade, em fazeres e saberes

⁵ Coordenação: Iêda Loureiro, Andréa Senra, Cristine Silmor e Luiz Roberto Nascimento.

próprios de Arte” (Proposta Curricular de Arte/2012) e também na construção coletiva da identidade institucional da escola, ou seja, que cada escola caminhe com base em suas propostas educacionais e que as mesmas decidam suas competências, conteúdos e procedimentos pedagógicos. É bom ressaltar que cada escola teve e terá autonomia para adaptar o currículo em conformidade com as necessidades educacionais de cada comunidade escolar.

Em um primeiro momento foram discutidas propostas para cada área afim, e assim encaminhados as escolas, para que pudessem se adequar a sua realidade escolar, após debates e discussões, as escolas retornaram à Secretaria de Educação o resultado, para que dessem continuidade ao processo da elaboração do documento previsto pela rede.

Somente no ano de 2011, após a entrega dos documentos modificados pelas escolas se retornou o debate dos profissionais, e chegou o momento de colocar em prática o documento apresentado durante os debates e assim as escolas o fizeram acoplado aos trabalhos dos professorados e das escolas

Lembrando que o presente documento era flexível, e que fora representado por uma equipe de educadores visando um ensinar/aprender significativo conduzindo o ensino de Arte a ocupar o seu lugar de formação humana.

Ao mesmo tempo é objetivo desta proposta da Rede Municipal a diversidade cultural e democrática, integrando a Secretaria de Educação junto as escolas numa prática pedagógica em Arte mais sólida e consistente - teoria e prática- caminhando juntas e permitindo uma nova construção artística de saberes e fazeres no campo da Arte-Educação e no sucesso da aprendizagem dos alunos.

E assim, foi criada a Proposta Curricular de Arte da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora, que se encontra em pleno vigor educacional e com novos paradigmas para a educação contemporânea.

Relembrando, retornei à rede municipal no ano de 2002, onde tinha acabado de surgir um projeto muito interessante,” Arte dos Bairros “, o qual permaneci até o ano de 2010, este trabalhava inicialmente com oficinas de artesanato, música e posteriormente cerâmica, dança e reciclagem, cujo o foco seria levar artes visuais as comunidades de baixa renda, bolsa família e vulnerabilidade de risco. Nessa época, a rede oferecia pouco ou quase nada de cursos de formação e trabalhávamos apenas com o conhecimento que tínhamos e com a troca de experiências das

demais professoras. Me recordo também que existia um outro projeto “Trilhos da Paz”, (2000) que tinha também os mesmos objetivos e assim trocávamos “figurinhas”, mas, mesmo assim, nos sentíamos desprotegidas e desarrimadas pela pouca formação, mas ao mesmo tempo, o aconchego das comunidades era o apoio que precisávamos para a continuidade do projeto.

E aprendi junto as comunidades e Paulo Freire, (1997, p.78) que, “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexiva. E acrescenta, (1981, p. 79) “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Retrocedendo ao Centro de Formação do Professor, hoje, é um espaço de encontro dos professores, onde a formação continuada se concretiza, através de grupos de estudos, oficinas, palestras, seminários, cursos, reuniões, vivências culturais, debates e estudos, e é também um local aonde o professor vem buscar conhecimentos e formação, garantindo assim a sua identidade profissional.

Em conformidade com a Proposta Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora:

A medida que cada professor/a investe e cuida de seu ofício, garante sua identidade profissional, enquanto constrói um percurso docente mais qualificado, que reverbera nos processos de aprendizagem nas salas de aula. (2012, p.9).

Neste mesmo ano de 2010, o trabalho de formação continuada de professores se reestrutura mais uma vez na Rede Pública Municipal de Juiz de Fora e dá origem ao Grupo de Estudos Arte e Cultura, aprofundando conhecimentos epistemológicos e metodológicos para o ensino de Arte/Formação de Professores, seguida do tema Arte Contemporânea, com discussões práticas, objetivando renovar as práticas pedagógicas, ampliar e aprofundar o estudo da arte/educação e o entrelace entre as manifestações artísticas e culturais.

E Barbosa menciona:

Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura. Aqueles que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes. (BARBOSA, 2000, p. 15).

E os encontros do GE – Grupo de Estudos - e professores, continuaram acontecer mensalmente, onde se discutiam interesses de arte e cultura da Rede Municipal de Juiz de Fora. Desde o início, a proposta é aliar o trabalho de formação pedagógica à formação estética, para que os estudos teóricos se enriqueçam nas vivências culturais. Nos encontros de projetos extracurriculares (artes visuais/artesanato, dança, música, teatro, contação de história), e de projetos de Arte e Literatura (complementação de carga-horária), buscávamos o diálogo e a troca de experiências, respeitando as diversidades e as propostas artísticas trabalhadas, tanto nas escolas quanto nos projetos, e assim uma melhoria das aulas e projetos.

A interdisciplinaridade é a condição epistemológica da pós-modernidade, e a interculturalidade a condição política da democracia. A aliança entre essas duas condições basilares da vida, contemporânea às tecnologias flexíveis e multiplicadoras, garantirá um humanismo em constante reconstrução para responder às imponderáveis e permanentes mudanças sociais. (BARBOSA, 2006, p. 111).

E assim, diante dessa realidade, a arte, a cultura e as políticas educacionais se integraram para dar maior respaldo a formação continuada e permanente dos professores, através de grupos de estudo, oficinas e vivências culturais.

A participação dos professores vem se intensificando, mas, ainda percebo que muitos não se sentem dispostos e preparados para se apropriar do novo, do modernismo, do contemporâneo e das mudanças e transformações que o sistema oferece para o ensino.

Como se vê, o professor por meio da arte, pode recriar-se pessoal e profissionalmente e considero que a vivência criativa por meio das artes visuais, da música, da dança e do teatro propicia o autoconhecimento e o senso crítico. Daí entendo a necessidade de que o professor tem de participar das oficinas de arte/formação continuada. O professor é considerado sujeito de sua formação, mas não individualmente, e sim integrados no grupo de profissionais e no grupo de estudos.

Vale ressaltar também que existe uma publicação de “Cadernos do Professor”, a partir do ano de 2005, onde constam relatos de experiências profissionais e registros de ações pedagógicas interdisciplinares, elaborado pelo Grupo de Estudos e Secretaria de Educação, onde ambos visam a formação

continuada dos profissionais da Rede Municipal de Ensino como um eixo dinamizador da política educacional, objetivando ampliar a construção de saberes, fazeres e práticas docente, estabelecendo uma relação efetiva entre cognição e sensibilidade. Os exemplares de publicação já ultrapassaram a casa de 25, estes acontecem anualmente entre dois a três exemplares e são distribuídos para professores da rede pelo Grupo de Estudos e Cultura e pela Secretaria de Educação.

E assim encerro com a fala do Professor Paulo Curvelo, “Que este caderno possa desencadear novos processos é a nossa expectativa, pois o Caderno é do Professor!” (2004).⁶

Considerações finais

O ensino de Arte no Brasil passou por várias etapas e modificações educacionais determinadas pelos pontos de vista ideológicos, históricos, sociais e políticos existentes em cada época, até chegar na atual concepção da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB nº 9394) e dando continuidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte, que se apresentam como um instrumento orientador e teórico para garantir a qualidade da educação. E foi a partir daí, que as Artes Visuais ocupam um lugar relevante no currículo escolar, sendo vista como parte de um conhecimento e não apenas como uma apreciação.

Procuramos abordar de forma sucinta a Proposta Curricular da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora, onde o ensino de Arte passa a ser valorizado tal qual as demais disciplinas, porém percebe-se que na rede há muitos professores generalistas que não incorporam o conhecimento Arte a um ensino de formação e não dominam os programas das linguagens artísticas e dos fazeres próprios da área de arte, o que distancia suas práticas da proposta curricular. Esse trabalho pretende colaborar e contribuir afim de que questões referentes ao Ensino das Artes Visuais nas escolas municipais sejam constantemente repensadas e reavaliadas possibilitando novos paradigmas educacionais necessários à comunidade escolar e inovando para a construção e reflexão de uma era

⁶ Professor Paulo R. Curvelo Lopes, Gerente de Educação Básica da Prefeitura de Juiz de Fora, ao se referir o Caderno é do Professor, busca recuperar a unidade necessária entre teoria e prática, que faz da reflexão um ponto de partida e de chegada para a ação da prática transformadora.

contemporânea no campo da Arte-Educação.

Diante disso, confirmo que toda mudança requer comprometimento, quer no ensino de Arte como aprimoramento da formação do professor, quer na formação inicial nos cursos de licenciatura em Artes, quer na formação continuada, quer nas pesquisas e estudos em arte-educação e quer na vida escolar do aluno. No entanto, se faz necessário adequar a realidade do aluno à realidade escolar, pautada numa aprendizagem que lhe traga interesses educacionais e significativos relacionados ao seu meio social, histórico e cultural e assim, o aluno ficará mais participativo e agirá de forma crítica e consciente em relação aos estudos.

Justifica-se que, em relação as Propostas Curriculares Nacionais em Artes, a prática venha acompanhada de recursos apropriados e adequados para efetivar sua realização, lembrando ainda que cada escola tem autonomia própria para construir a sua proposta pedagógica e fazer as devidas mudanças, visando melhoria do ensino e da aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor.

Nessa perspectiva, concluo que a Rede Pública Municipal de Ensino de Juiz de Fora tem feito muito para que os professores possam se qualificar, criando meios para desenvolver e aprimorar o trabalho pedagógico e a sua formação continuada e permanente.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002

_____. Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Inquietações e mudanças no ensino de arte. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF 1997.

FORMOSINHO, João; OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A formação em contexto: a perspectiva da associação criança. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Orgs.) Formação em contexto: uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira, 2002.

FREIRE, Paulo, *"Pedagogia do Oprimido"*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA* - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FUSARI, Maria F. de Rezende e FERRAZ, Maria Helena C. de T. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

Proposta Curricular da Rede Municipal: Artes. Secretaria de Educação. Juiz de Fora, 2012.

VALVERDE, Rose. *Fábrica de desenhos*. Juiz de Fora, 2002. Disponível em: <<http://www.rosevalverde.art.br/html/artespla.htm>>. Acesso em: 15 de set. 2015.

VALVERDE, Rose. *Fábrica de desenhos*. Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <<http://www.rosevalverde.art.br/conteudoart1/textoart/arteduc10.html>>. Acesso em: 15 de set. 2015.